

GENTE FELIZ NÃO ENCHE O SACO

**NOVOS TEMPOS EXIGEM
NOVOS COMPORTAMENTOS:
APRENDA A CUIDAR
DE VOCÊ E DOS OUTROS**

ERIKA LINHARES

1ª edição

best.
business

Rio de Janeiro | 2020

Sumário

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 — Gente que aprende na marra

Capítulo 2 — Gente que é tratada como gente

Capítulo 3 — Gente que precisa de gente

Capítulo 4 — Gente que trabalha, se destaca e aparece

Capítulo 5 — Gente que muda gente

Capítulo 6 — Gente que deixa um legado

Capítulo 7 — Gente que sabe que ninguém faz nada sozinho

Capítulo 8 — Gente que se perde, mas se reencontra

Capítulo 9 — Gente que cuida de gente

Conselhos para uma vida #nomimimi

Este livro é dedicado a Lorenzo Lindner.

E você se foi...

Nós éramos uma dupla, nos completávamos. Eu, a menina da emoção, e você, o homem dos números. Com o tempo, peguei seus números, e você, minha emoção.

Chefes já tive muitos, uns bons, outros nem tanto, mas você foi o que me deixou ser a Erika. Sempre incentivou minhas loucuras, dava a elas um pouco de razão. Nunca me julgou, estava ao meu lado no erro, para consertarmos juntos. Quando eu errava, você sempre me chamava e começava assim: "Erikinha...", e eu já sabia que tinha feito alguma coisa errada.

Na sua época, dei resultados exponenciais, fizemos grandes feitos. Sabe por quê? Porque podíamos ser nós mesmos, sem medos, mas com muitas cobranças de entrega. Foi o meu momento mais eu no mundo corporativo. Sem jogos e com muitos acertos!

No dia que você saiu da Tim, fiquei sem chão. Estava no meio de uma reunião com toda a minha equipe e não consegui terminar, pois não conseguia falar, era duro esconder meu choro, então chorei. Chorei a dor de saber

que não iria mais conviver com você todos os dias; meu medo não era perder o chefe em quem confiava, mas perder o convívio de uma pessoa como você.

E agora eu perdi, e para sempre, mas me restam as lembranças, que são maravilhosas, e seus ensinamentos, o que é muita coisa.

Te amo!

Éramos uma dupla, uma dupla quase perfeita, porque somos humanos de verdade e jamais chegaríamos à chatice da perfeição.

Dedico a você este livro: nele eternizo nossos feitos e aventuras pelo mundo corporativo. Aventuras de muita prosperidade e felicidade.

Prefácio

Adaptação!

Nada mais importante e nada mais difícil do que essa simples palavra.

Importante porque, sem adaptação, não conseguiríamos sair do útero quente e protegido para um ambiente hostil e desafiador. Sem ela, não conseguiríamos sair do colo seguro da mãe para as primeiras quedas e dores quando aprendemos a andar. Sem adaptação, não sairíamos da nossa casa para a creche/escola onde não somos os mais importantes e precisamos dividir o tempo, o cuidado e o afeto, bem como conquistar as pessoas.

Sem adaptação somos como uma “proteína estranha” dentro de um corpo, e todo o sistema imunológico se volta para neutralizar aquela ameaça.

Isso acontece na biologia, mas acontece igualmente nas empresas, usando a metáfora da empresa como sistema orgânico que demanda que você inove (gere mudanças) mas também que você se reinvente (sofra mudanças). Jack Welch disse que, quando a taxa de

mudança interna é menor do que a taxa de mudança externa, o fim está próximo. Sim, adaptação é a base da sobrevivência e da evolução.

Então, por que é tão difícil? Por que tantas pessoas ficam pelo caminho por não conseguirem se adaptar a uma nova função, um novo chefe ou um novo país?

Exatamente pelo “efeito colateral da adaptação”. Quando conseguimos superar um desafio e vencer uma batalha importante (desde conseguir seu espaço na família, na escola e no trabalho), esse modelo mental (mindset) se transforma na nossa ferramenta preferida para lidar com todas as outras situações; ou seja, o que um dia foi uma solução inovadora agora se transforma numa tendência de repetição. Formamos um conjunto de memórias complexas que influenciam nosso comportamento e nos apresentam “soluções testadas” para os novos desafios. Mas quando muda o jogo, é preciso mudar a estratégia. E é aí que a adaptação se torna um desafio porque, quando “se sente seguro” com uma estratégia para conseguir resultados, seu cérebro se apega a ela e quer usá-la para tudo.

Por isso há tantos chefes violentos e agressivos que usam o medo como estratégia de motivação: eles tiveram modelos assim em casa e no trabalho e viram que isso trazia resultados. A gestão pelo medo traz resultados no curto prazo, mas deixa uma conta. Por não conseguirem mudar esse comportamento, chegam ao topo e perdem tudo. Mudar não é simples, em particular quando temos

sucesso. Sucesso nos torna arrogantes. Passamos a acreditar que nosso modelo está certo e deixamos de escutar aqueles que poderiam servir como detectores de fumaça, que mostram precocemente que algo pode estar queimando antes que seja tarde demais.

Este livro, para alguns, vai ser uma trilha para seu desenvolvimento pessoal. Erika Linhares traz o que todos nós temos de mais precioso: nossa história de vida. Acertos e erros, dores e vitórias. Erika generosamente se apresenta inteira e intensa (como sempre) e olha sua jornada com a lente da gratidão pelos tempos difíceis que ela e sua família passaram depois que o seu pai, próspero empresário, faliu e todos tiveram que se reinventar. Ela vendendo talões de estacionamento na rua e deixando de comer uma das refeições para estudar e trabalhar. Sua mãe vendendo cachorro-quente... Todos, cada um do seu jeito, se levantando, vencendo as dores, as críticas e os preconceitos para chegarem aonde chegaram. E a Erika chegou muito longe.

O mundo executivo é para poucos, ainda mais em Telecom, um dos setores mais competitivos e voláteis que conheço. É preciso uma capacidade singular de ler o contexto e as pessoas para se adaptar muito rápido, como num jogo de xadrez em que as peças não estão a seu favor e o mundo é extremamente masculino e agressivo.

Então, o ciclo se fecha e você entende que aquele “grande fracasso”, que vem da falência de sua família, é o começo de uma jornada inspiradora e com muitos

aprendizados. As crises são portais para um novo tempo, em que precisamos de um novo comportamento. Acredito que as pessoas mudam porque precisam, não porque querem. Quando a Erika fala do #nomimimi, isso não é um clichê: é uma poderosa estratégia de adaptação. Enquanto nos sentimos vítimas, estamos comprometidos a procurar culpados. Quando saímos do mimimi, buscamos soluções e caminhos, e a vida volta a andar.

Mais do que um livro, você vai se questionar, rever posições e, quem sabe, aprender que adaptação não é um problema, mas, sim, uma necessidade em todas as etapas da vida.

Recomendo uma pausa especial ao final de cada capítulo, em que ela deixa mais algumas pérolas com as “Lições aprendidas”. Por trás de cada frase há uma dor e um aprendizado. Olhe para elas com carinho. Ali tem sabedoria.

Roberto Aylmer

**Médico, Ph.D. pela Rennes Business School, França, e
especialista em desenvolvimento de lideranças no contexto
complexo.**

Introdução

Eu sempre gostei de gente. Desde pequena, gostava de conversar com as pessoas e de tentar encontrar soluções para as pequenas questões que se apresentavam na minha vida e na dos outros. Na adolescência, precisei lidar com a falência da empresa do meu pai, o que trouxe grandes mudanças para todos na minha família e me fez enxergar a vida de outra maneira: com os olhos de quem precisa correr atrás do sucesso.

Eu sonhava estudar Psicologia, mas tive de deixar esse desejo de lado para me adequar às condições da minha família na época. Cursei Pedagogia, uma faculdade que me ensinou a educar e que me foi valiosa durante toda a minha vida profissional. Desde o meu primeiro emprego, como sacoleira, até o mais alto posto que já ocupei, como diretora nacional de vendas de uma das maiores empresas do país, valorizei o maior ativo que qualquer negócio pode ter: as pessoas. Sob a minha gestão já passaram mais de 15 mil funcionários e setecentos parceiros. Fiz com que as minhas equipes crescessem junto comigo e vi meus colaboradores engajados e felizes.